

UMA NOVA NOVA MÚSICA



David Rodrigues

Orquestra Portuguesa de Guitarras e Bandolins

ORQUESTRA PORTUGUESA DE GUITARRAS E BANDOLINS
NOVA MÚSICA



ÂNGELA DA PONTE FÁTIMA FONTE PEDRO H. DA SILVA
HUGO VASCO REIS JOSÉ CARLOS SOUSA

Diseño de portada: Sara Vitória

No acto criador o artista vai da intenção à realização passando por uma cadeia de reacções totalmente subjetivas. A sua luta pela realização é uma série de esforços, dores, satisfações, recusas e decisões que não podem nem devem ser plenamente conscientes, pelo menos no plano estético. O resultado do seu esforço é a diferença entre a intenção e a realização, diferença essa de que o artista não tem consciência (Marcel Duchamp, 1957).

Este artigo circunda, por texturas dedilhadas, a antiquíssima inserção, inevitável, funesta e paradoxal, do *novo* no que já existe e que expõe em contexto de reflexão entradas do dicionário que encontram paralelo em *efémero*; *transitório*; *passageiro*; *breve*. Estes conceitos cruzam os seus pressupostos na desoladora passagem do tempo - o elemento primordial da música, da sociedade, da interpretação, da fé e da própria existência.

Vários foram os momentos que moldaram o rumo da história da música que se adjetivaram com este termo, saliente-se, a título de exemplo: a mudança de paradigma na relação com o ritmo à qual a *Ars Nova* deu resposta e à tensão consequente que exerceu no pensamento musical; o papel da *Camerata Fiorentina* na senda da racionalização, descoberta e execução de uma *nova música* que lhe conferisse a personalidade concordante com a sua definição em mutação que se implantou na discussão entre uma *prima pratica* e uma *seconda pratica*; a emersão de novos termos com a prefixação *neo* que, muitas vezes, procuraram um fiel equilíbrio entre o passado e o que de novo as novas técnicas ia fazendo aparecer.

A revisita conceptual é da Orquestra Portuguesa de Guitarras e Bandolins - fundada no ano de 2007 pelo gesto de António de Sousa Vieira (atual concertino e diretor artístico de todo o projeto) e Sérgio Dinis, sob a alçada da Associação Cultural de Plectro (2010).

A passagem do tempo tem retribuído a esta orquestra a generosidade que a mesma inculcou na sociedade artística e bandolinística manifestada, por um lado, nas calorosas aclamações por parte do público e entidades formais que com que ela contactam e, por outro, no levantamento e apresentação de repertório específico para orquestra de cordas dedilhadas com investimentos na criação musical, junto dos compositores mais

relevantes do panorama contemporâneo, que têm semeado a nova música que a Orquestra Portuguesa de Guitarras e Bandolins faz nascer.

Cada uma das obras registadas em *Nova Música* teve a sua estreia individualizada numa viagem pelos auditórios de Portugal cumprindo o circuito para o qual foi pensada - do compositor ao público passando pela conservação para a posterioridade.

A primeira estreia ocorreu em Lamego, no Teatro Ribeiro Conceição, com a obra *String Theory*, para orquestra de plectro e eletrónica, da compositora Ângela da Ponte sob a batuta do maestro Fernando Marinho à qual se seguiu *Salema*, de Fátima Fonte, acolhida pelo Teatro Helena Sá e Costa na cidade do Porto com a direção de Hélder Magalhães (maestro titular da formação desde 2018). Com a orquestra orientada pelo mesmo maestro estrearam-se as obras *PANGÆA* de Pedro Henriques da Silva no Cineteatro António Lamoso em Santa Maria da Feira, com a presença do compositor à guitarra portuguesa no papel de solista e, no Cineteatro de Estarreja, oriunda da pena de José Carlos Sousa, a peça *Milodnab et Sarratiug*. Antes desta coube ao maestro Augusto Pacheco estreiar no Quartel das Artes de Oliveira do Bairro a obra *Fios*, de Hugo Vasco Reis.

A abordagem à originalidade das peças passou para o segundo estágio de desenvolvimento que permitiu enfrentar um conhecimento profundo e mais exaustivo, não apenas da música e das novidades que ela trouxe, como também das idiossincrasias que uma orquestra encerrada a gravar um espécime discográfico explora e faz surgir. Consequentemente, nos dias 12 e 13 de setembro de 2025, no auditório do Conservatório de Música do Porto, fez-se o registo das cinco novas obras adicionadas ao repertório original para orquestra de plectro, assinadas por compositores portugueses, conduzindo-as, assim, para o domínio patrimonial, visitável e cristalizado. O álbum *Nova Música* foi conduzido pelo maestro Hélder Magalhães com a produção musical do virtuoso bandolinista e maestro Fernando Bustamante e, ainda, com a produção técnica de Marco Conceição. A direção artística foi capitaneada pelo incontornável António de Sousa Viera.

Cada peça musical oferece, no domínio técnico, interpretativo e de gravação, um leque de desafios dignos de nota e que estendem a criatividade da sua composição, por imposição da necessidade, à novidade na audácia de colocar em prática: os plectros passam a ser recursos tão aleatórios como outros quaisquer; os dedais de metal encontram cordas num jogo de repetição; a resina dos arcos deixa o pó em braços de instrumentos que por ele não são definidos; as cordas velhas ganham uma nova vida dada pela função; o espaço físico adquire um lugar delineador na perceção musical; o

ruído projeta-se sob controlo; as texturas forçam a que as técnicas se estendam muito para lá do convencional - seja lá isso o que quer que se entenda.